



Ser “de fora” ou ser “de dentro”: uma abordagem semântica de sentidos de “ser nordestino”

Being “from outside” or being “from inside”: a semantic approach to the meanings of “being northeastern”

DOI 10.20396/lil.v25i50.8670793

Jorge Viana¹
UESB/PPGLIN

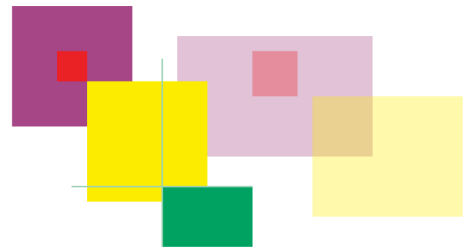
Adilson Ventura²
UESB/PPGLIN/PROFLETRAS

Resumo

A construção de sentido(s) de “nordestino”, sem dúvida, passa por áreas das mais diversas: História, Geografia, Política, Economia, para citarmos algumas. Não obstante, entendemos que, dentre várias áreas que possuem uma importância central nessa construção de sentidos, a Literatura Brasileira teve – e tem – um papel de destaque na construção de sentidos do que ficou comumente conhecido como “ser nordestino”. Partindo dessa premissa, este nosso trabalho tem por objetivo discutir, à luz da Semântica, a construção de sentidos de “nordestino”, a partir da consideração de dois tipos de textos literários: por um lado, um texto que se constrói a partir de uma espécie de “olhar de fora” sobre o Nordeste; de outro, textos literários construídos a partir de um “olhar de dentro”. Respectivamente, tomaremos, no primeiro caso, “Os Sertões”, de Euclides da Cunha; e, no segundo, obras da literatura regionalista nordestina da chamada Geração de 30, que inclui, dentre outros, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin). Participa dos laboratórios de pesquisa: Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus (LAPELINC) e Laboratório de Pesquisa e Estudos em Sintaxe e Semântica (LAPESS) e dos grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa e Estudo em Semântica (GEPES) e Linguagem, Enunciação, Discurso (LED). E-mail: viana.jorge.viana@uesb.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2961487378370274> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8548-4379>

² Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Participa dos laboratórios de pesquisa: Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus (LAPELINC) e Laboratório de Pesquisa e Estudos em Sintaxe e Semântica (LAPESS) e dos grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa e Estudo em Semântica (GEPES) e Linguagem, Enunciação, Discurso (LED). E-mail: adilson.ventura@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7659776762654841> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7521-3981>



Palavras-chave: Nordeste, Semântica, Literatura.

Abstract

The construction of meaning(s) of “nordestino”, undoubtedly, goes through the most diverse areas: History, Geography, Politics, and Economy, to name a few. Nevertheless, we understand that, among several areas that have central importance in this construction of meanings, Brazilian Literature had - and has - a prominent role in the construction of meanings of what became commonly known as “being northeastern”. Based on this premise, this work aims to discuss, in the light of Semantics, the construction of meanings of “northeastern”, from the consideration of two types of literary texts: on the one hand, a text that is constructed from a kind of “outside look” on the Northeast; on the other, literary texts constructed from an “inside look”. Respectively, we will take, in the first case, “Os Sertões”, by Euclides da Cunha; and, in the second, works of northeastern regionalist literature from the so-called Geração de 30, which includes, among others, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, and Graciliano Ramos.

Keywords: Northeast, Semantics, Literature.

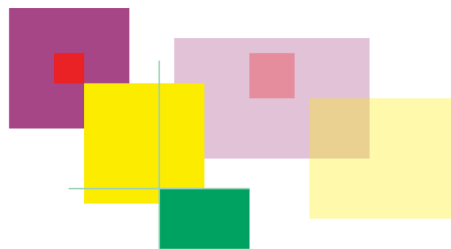
Introdução

Para começar, façamos uma pergunta: “O que é o Nordeste?”. Tal pergunta, extremamente ampla e, diríamos, até vaga, por certo teria/terá respostas que se desdobram em diversas outras: Nordeste? Sob que ponto de vista: geográfico? Cultural? Econômico? Tomado sob que perspectiva temporal: passado, presente, futuro? – só para mencionarmos algumas.

Não obstante, em tal possível infinitude de respostas, pode-se dizer que em apenas um ponto há concordância entre estudiosos do Nordeste: a certeza de que não há um só Nordeste, mas vários. Contrastantes, polarizados, paradoxais até.

Freyre (2004), por exemplo, no século passado, ao iniciar um ensaio sobre o Nordeste, faz questão de dizer: “[...] há, pelo menos, dois [Nordestes], o agrário e o pastoril” [...]” (FREYRE, 2004, p. 37). E mais tarde, no mesmo texto, sentença: “Aliás há mais de dois Nordeste e não um, muito menos o Norte maciço e único de que se fala tanto no Sul com exagero de simplificação (FREYRE, 2004, p. 46).

De tal complexidade, o clássico sociólogo, conclui à época que:



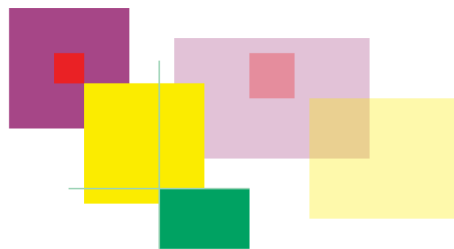
A palavra “nordeste” é hoje uma palavra desfigurada pela expressão “obras do Nordeste” que quer dizer: “obras contra as secas”. E quase não sugere senão as secas. O sertão das paisagens duras doendo aos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos (FREYRE, 2004, p. 45).

E, imediatamente, traz o contraponto: “Mas esse Nordeste [...] é apenas um lado do Nordeste. Mais velho que ele é o Nordeste de árvores gordas [...]” (FREYRE, 2004, p.45), entenda-se, o Nordeste da fartura, da cana de açúcar, oposto ao Nordeste dos mandacarus, ao qual Freyre chama de “o outro Nordeste”, assim descrito: “Um Nordeste onde nunca deixa de haver uma mancha de água: um avanço de mar, um rio, um riacho, o esverdeado de uma lagoa” (FREYRE, 2004, p. 45).

Como vemos, tais constatações de Freyre implicam uma divisão que, dentre outros aspectos, se funda, em características naturais da região, que apresenta, quatro grandes subregiões: a Mata, o Agreste, o Sertão e o Meio-Norte (GARCIA, 1999, p. 17). Delas, a Mata foi/é a área que, histórica e economicamente, se destacou por apresentar chuvas regulares e possibilidade de desenvolvimento da lavoura e pecuária: foi nela, que a Coroa Portuguesa implantou a cultura da cana de açúcar, marcando ali o início de um Nordeste que foi

[...] a região mais rica da América Portuguesa durante mais de três séculos. Por todo o período colonial e metade do Império, constituiu-se no principal gerador de riquezas para o Reino de Portugal e, depois, para o Império Brasileiro (GARCIA, 1999, p. 28).

Esse era o Nordeste rico. Porém, o Nordeste pobre estava bem próximo: como explica Garcia (1999), a partir da segunda metade do século XIX, ocorrem a queda dos preços do açúcar, somada à introdução da lavoura do café no Rio de Janeiro e em São Paulo, para onde vieram grande número de imigrantes europeus, fatos que “[...] provocaram a transferência do poder econômico, e conseqüentemente do poder político, do Nordeste para o Centro-Sul”, que “[...] passou a experimentar grande modernização, enquanto o Nordeste mantinha sua estrutura rural arcaica [...]” (GARCIA, 1999, p. 31). Possivelmente, data dessa época a elaboração histórica da imagem do Nordeste como terra miserável que fornece mão de obra não qualificada para as fazendas e as nascentes indústrias do Centro-Sul, mão de obra que incluía não apenas pessoas livres, mas também escravizados negros que, pela relativa escassez, tornaram-se “objeto de muito valor”. Eis o estereótipo do Nordeste pobre: o da seca, que então (e depois), seja na Mata (antes fértil, depois degradada, desmatada), seja no Sertão



(árido), “expulsa” os seus habitantes para o Sul em busca de “dias melhores”, como nos faz lembrar o retirante Severino de Morte e Vida Severina...

Se estes (pelo menos) dois Nordeste, o pobre e o rico, se formaram, por assim dizer, em meio a fatores de ordem histórica, climática, política e econômica, em um passado não tão remoto, o que dizer do Nordeste atual? Teria ainda tais dualidades? Sim, é a resposta:

O Nordeste é uma região de contrastes. Nele podem ser encontradas populações vivendo um estágio de seminomadismo [...] e grupos, principalmente nas grandes cidades, que atingiram as etapas mais avançadas da civilização moderna (GARCIA, 1999, p. 8).

Deste modo, notamos que se configura assim o contraste interno (Nordestes) e externo (Nordeste/Sul). Isto é histórico, é político, é econômico, é cultural.

Decorrente dessa complexidade do Nordeste, ou melhor, herança dela, vem uma outra instigante pergunta: “Quem é o nordestino?”.

Uma resposta, talvez plausível ou possível (e “bem resolvida”, sob certo ponto de vista, o do Sul, claro), seria/será, por exemplo: o paraíba, o baiano da baianagem, o cearense cabeça-chata, o pernambucano “cabra da peste”, o negro (ex)escravo (para uns), escravizado (para si).

Não obstante, tais estereótipos imagéticos apontam para uma espécie de “criação” que homogeneiza a figura do nordestino, em termos via de regra negativos. Com isso, mascara-se o que Garcia (1999) denomina “traço marcante da personalidade do Nordeste”: a rebeldia, a coragem de resistir. Não à toa, podemos falar (e a nossa história oficial fala pouco...) das muitas revoltas pernambucanas e baianas, de Canudos de Conselheiro, de Palmares de Zumbi, para citarmos alguns casos envolvendo nordestinos que, de um modo ou de outro, construíram e se inscreveram na história do país, independente, ou apesar, dos estereótipos.

Porém, cumpre notar que essa visão polarizada, com nordestinos, de um lado, sulistas estereotipadores, de outro, pode (diríamos, deve) ser (re)pensada, estudada, explicada de



outros modos. Albuquerque Jr. (2011), por exemplo, questiona, do ponto de vista da História³, a homogeneidade, ao mesmo tempo do Nordeste e do nordestino. Para ele, o Nordeste e, por extensão, o nordestino, “cria” o Nordeste, na medida em que

O Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 31).

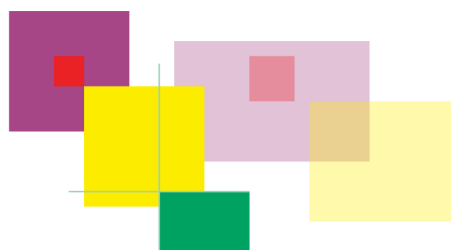
Enfim, pelo exposto, nota-se que estudar, compreender o Nordeste e, com ele, o nordestino, é tarefa que pode que está longe de ser esgotada e/ou equacionada: as mais diversas abordagens são, normalmente, complementares, ao invés de concorrentes⁴.

Nesse sentido, no presente artigo, objetivamos contribuir na compreensão do Nordeste, tomando a perspectiva dos estudos linguísticos, em especial, pelo viés da Semântica. Para isso, assumimos de antemão o pressuposto de que a construção de sentido(s) de “nordestino” passa por áreas das mais diversas: História, Geografia, Política, Economia, Sociologia, para mencionarmos algumas. Entendemos, porém, que, dentre várias áreas que possuem uma importância central nessa construção de sentidos, a Literatura Brasileira teve – e tem – um papel de destaque na construção de sentidos do que ficou comumente conhecido como “ser nordestino”.

Embasado nessa premissa, este nosso trabalho objetiva discutir, à luz da Semântica, a construção de sentidos de “nordestino”, a partir da consideração de dois tipos de textos literários: por um lado, o texto que se constrói a partir de uma espécie de “olhar de fora” sobre o Nordeste; de outro, textos literários construídos a partir de um “olhar de dentro”. Tomaremos, respectivamente, no primeiro caso, “Os Sertões”, de Euclides da Cunha; e, no segundo, obras

3 Para um estudo instigante e aprofundado sobre o Nordeste, numa perspectiva multidisciplinar, englobando história e artes, ver Albuquerque Jr. (2011).

4 Dois depoimentos, de momentos e vieses diferentes, exemplificam tal complementaridade que, a rigor, resulta na necessidade de estudos de várias ciências: de um lado, pioneiramente, Freyre (1937) afirma que “A civilização do açúcar no Nordeste exige uma análise demorada que só se poderá fazer, com inteira amplitude científica, juntando-se vários especialistas para um esforço comum e reunindo-se toda a documentação possível: a antropológica, como a histórica; a sociológica como a psicológica; a geológica, como a botânica” (FREYRE, 1937, p.42); de outro, Garcia (1984), declara que “Costuma-se ver o Nordeste como a região mais estudada e menos compreendida do Brasil. [...] O Nordeste é realmente a área do Brasil que mais se estudou e sobre a qual foram escritos mais livros de História e Sociologia. Entretanto, muito pouco existe sobre aspectos técnicos e científicos da região, para que permita um conhecimento exato de suas potencialidades e recursos” (GARCIA, 1984, p. 10).



da literatura regionalista nordestina da Geração de 30, que inclui José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, dentre outros. Para tanto, o texto apresenta, além desta introdução, três partes: no item 1, apresentamos os pressupostos metodológicos, destacando o método de construção do *corpus*, e os conceitos fundamentais da teoria mobilizada nas análises, a Semântica do Acontecimento; no item 2, apresentamos as análises; e, no 3, tecemos as considerações finais.

1. Construção do *corpus* e Semântica do Acontecimento

Nessa seção, iremos apresentar o modo como constituímos o *corpus* para as nossas análises e também uma breve apresentação do escopo teórico utilizado nas análises da palavra *sertanejo*.

Para compor o nosso *corpus*, escolhemos quatro obras muito representativas de nossa literatura nacional e que, de algum modo, estão relacionadas ao Nordeste. Dessas obras, uma delas é de um autor que é um “de fora”, ou seja, não é nascido na região Nordeste: “Os Sertões”, de Euclides da Cunha. As outras três obras já são de autores “de dentro”, isto é, nascidos no Nordeste. São elas: “O Quinze”, de Rachel de Queiroz, “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos e “Fogo Morto” de José Lins do Rego. Para a pesquisa, utilizamos uma versão digital de cada uma dessas obras e, com isso, tivemos a oportunidade de usar o buscador de palavras do Adobe Reader, o que facilitou localizar a ocorrência da palavra “nordestino” ao longo desses textos. Ao fazer esse procedimento, não localizamos nenhuma ocorrência dessa palavra, porém, como já dissemos na introdução, encontramos a ocorrência da palavra “sertanejo”, a qual passamos a analisar.

Depois de localizadas as ocorrências dessa palavra, passamos a fazer o processo de sondagem, que, conforme Guimarães (2018, p. 76),

[...] se caracteriza por encontrar, por exemplo, um enunciado, em um recorte do acontecimento de enunciação, e explorar esse enunciado enquanto elemento deste recorte e assim integrado ao texto que se recorta. Cada sondagem pode ser relacionada a outras sondagens que possam indicar a necessidade de modificação na análise, que possa eventualmente reformulá-la, que possa colocá-la em questão.



Após compor o nosso *corpus*, situamos-nos teoricamente na Semântica do Acontecimento, teoria que tem como conceito fundamental a enunciação, que, para este escopo teórico, “diz respeito a algo que ocorre quando se diz algo. Trata-se, para nós, de um acontecimento, o acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2018, p. 19).

Partindo dessa definição de enunciação, iremos nos ocupar de descrever esta relação no *corpus* específico que constituímos para as nossas análises. Assim, dentro de todo o arcabouço teórico que essa teoria proporciona, iremos nos ater à descrição da temporalidade e do político, a partir dos dois procedimentos enunciativos de análises, a reescrituração e a articulação.

A temporalidade, nessa teoria, é entendida a partir da enunciação em que

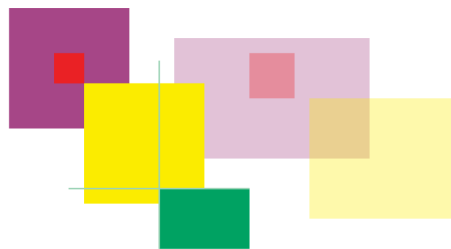
o acontecimento de linguagem tem sua própria temporalização. Isto significa que, para que os sentidos se constituam, a enunciação instaura a sua própria temporalidade – diferente de uma temporalidade cronológica ou de uma temporalidade instaurada pelo sujeito (SIGLIANI; VENTURA, 2020, p. 409).

Com isso, é o acontecimento de linguagem que estabelece o que é o presente, o passado e o futuro, sendo que o passado é considerado a partir de enunciações passadas, isto é, o acontecimento recorta uma enunciação passada que significa nele próprio, abrindo novas possibilidades de interpretação, que é a futuridade.

O político é considerado enquanto conflito, ou seja, há uma disputa incessante pelo direito à palavra, disputa essa que é dada nas relações dentro de um espaço de enunciação, entre línguas e línguas, falantes e falantes, e entre falantes e línguas. Nessa disputa, acrescentamos aqui, há um embate que inclusive perpassa os sentidos das expressões linguísticas, estabelecendo modos de acesso ao real, mas que, ao se estabelecer, já se está em novas disputas, dividindo e redividindo constantemente o espaço de enunciação.

Quanto aos procedimentos enunciativos de análise, como já dissemos, temos a reescrituração e articulação⁵. De uma forma bem sintética, podemos dizer que a reescrituração diz respeito ao modo de se redizer o que foi dito, enquanto que a articulação é “[...] é uma relação de contiguidade significada pela enunciação” (GUIMARÃES, 2009, p. 51).

5 Para uma maior compreensão dos modos de reescrituração e articulação remeto ao capítulo 5 do livro *Semântica: Enunciação e Sentido* (Guimarães, 2018).



A partir desses procedimentos, temos condições de observar os memoráveis que estão funcionando no texto e também como ocorre o político. Com isso também estamos colocando que o movimento de análise sempre se dá nas relações enunciativas no texto para se observar a relação com o que está fora do texto e não o caminho costumeiro empregado no ensino de interpretação textual em que se observa primeiro o contexto para depois se analisar o texto.

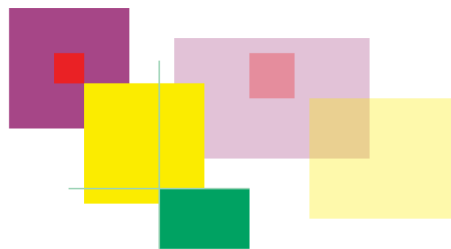
2. A “geografia” dos sentidos ou o *sertanejo* de fora e o *sertanejo* de dentro

Após essas considerações gerais, passamos à análise do texto propriamente dita. Sendo assim, começamos com um livro que traz uma visão geograficamente externa ao nordeste, advinda do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Nosso primeiro recorte para a análise é:

R1 - “O sertanejo do norte é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída” (p. 420).

Nesse recorte, temos a palavra “sertanejo” em uma articulação por dependência com “o” e “do norte”, constituindo, assim, um sentido de unicidade do conjunto no qual todos os sertanejos do norte são de um mesmo modo. E esse modo é apresentado em uma reescrituração por definição, que é “é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída”. Então, o que temos é que o sertanejo é uma subcategoria étnica, expressão que podemos interpretar a partir de dois possíveis recortes de memoráveis. O primeiro é a respeito dos estudos étnicos, nos quais há a possibilidade de categorias e subcategorias em cada etnia e uma outra possível é a de que a palavra subcategoria coloque o sertanejo em uma categoria étnica que seja inferior a outras. Assim, nesse primeiro recorte, temos a constituição de um grupo, a do sertanejo, no qual ele faz parte de uma catalogação étnica ou senão que está em uma categoria étnica inferior.

R2 - (a) É um retrógrado; não é um degenerado. (b) Por isto mesmo que as vicissitudes históricas o libertaram, na fase delicadíssima da sua formação, das exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo, prepararam-no para a conquistar um dia. (c) A sua evolução psíquica, por mais demorada que esteja destinada a ser, tem, agora, a garantia de um tipo fisicamente constituído e forte. (d) Aquela raça cruzada surge autônoma e, de algum modo, original, transfigurando, pela própria



combinação, todos os atributos herdados; de sorte que, despejada afinal da existência selvagem, pode alcançar a vida civilizada por isto mesmo que não a atingiu de repente. (p. 434-435)

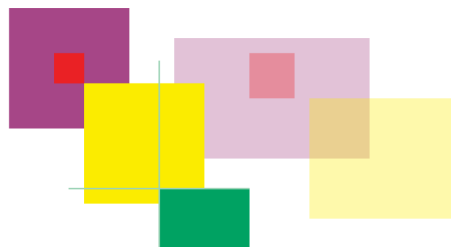
Para uma melhor visualização da análise, dividimos o recorte R2 em quatro enunciados, (a) (b) (c) e (d). No capítulo do livro em que fizemos esse recorte, há toda uma explicação sobre o sertanejo; assim, podemos considerar uma reescritura por elipse logo no começo de (a) – “()é um retrógrado”. Com essa reescritura, podemos observar algumas reescrituras por substituição ao longo de R2, tais como “o”, “sua”, “no”, “tipo fisicamente constituído e forte” e “Aquela raça cruzada surge autônoma”. Em (a) também temos uma reescrituração por definição que é decisiva para as nossas análises: “é um retrógrado, mas não um degenerado”. Essa definição recorta um memorável de que o sertanejo é inferior a outros povos, o que já vimos funcionando na análise do recorte anterior. Porém, devido à presença do operador argumentativo⁶ “mas”, temos uma aceitação dessa inferioridade apresentada na primeira parte do enunciado, mas a sustentação argumentativa apresenta que essa inferioridade não o torna um degenerado. Isso nos leva a uma interpretação de que, nesse texto, o sertanejo é considerado inferior, mas isso não o torna uma pessoa de má índole, pois segue os preceitos advindos da própria cultura constitutiva do sertanejo, o que pode ser melhor visualizado pelas paráfrases⁷:

1. sertanejo é inferior, mas é uma boa pessoa.
2. sertanejo é inferior, mas não é mal.
3. Ele é inferior, mas mantém a tradição de sua cultura.

Passando para (b) temos duas articulações por incidência de “o”, que é uma reescrituração de sertanejo, com “vicissitudes históricas” e “libertaram”, indicando uma outra articulação, de “libertaram” com “das exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo”. Essas articulações apontam para sentidos de que o sertanejo foi protegido pela sua formação histórica de fazer parte de uma outra cultura, que é mais exigente e ao mesmo tempo é uma cultura superior. Isso reforça o que vimos em (a), em que ele, o sertanejo, mesmo sendo inferior, é fiel à sua cultura. Só que no fragmento final de (b), temos uma

6 Consideramos operadores argumentativos tal qual Ducrot (1984, 1989).

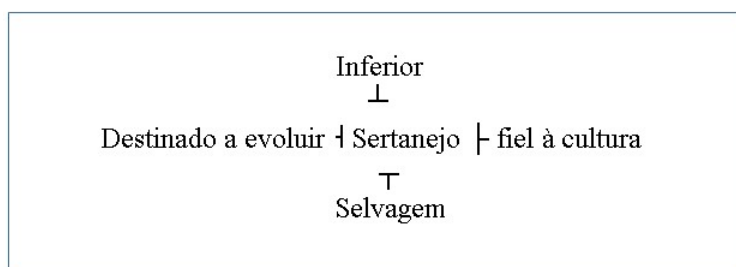
7 Consideramos a paráfrase nos estudos enunciativos tal qual Souza e Ventura (2020).



articulação de “no” com “prepararam” e com “para a conquistar um dia”, na qual o “a” é uma reescrituração de “cultura de empréstimo”. Nessas articulações, os sentidos constituídos são de que o sertanejo está sendo preparado para conquistar uma outra cultura, que é exigente mas superior. Isso, de certo modo, recorta um memorável de que há uma civilização que é superior, no caso a civilização ocidental de origem europeia, e que somente quem segue esses preceitos é que são considerados civilizados e, por isso mesmo, considerados superiores. Por outro lado, também observamos o político funcionando, um conflito de sentidos, na medida em que o sertanejo é apegado à sua cultura, mas precisa evoluir ao ser civilizado. Gostaríamos somente de reforçar que o segundo sentido é posto a partir de uma visão do não nordestino, ou seja, do “de fora”.

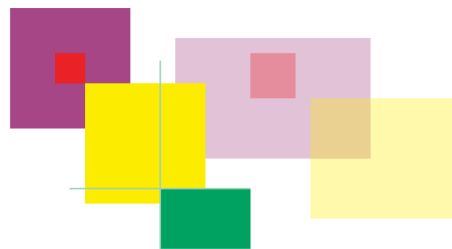
Em (c) a articulação por incidência de “sua” com “evolução psíquica” e esta expressão, por sua vez, articulada com “por mais demorada que esteja destinada a ser” nos apresenta os sentidos de que, mesmo sendo fiel às tradições, o sertanejo vai evoluir, pois esse é o destino dele. Em (d), temos “despeada afinal da existência selvagem, pode alcançar a vida civilizada”, temos uma reescrituração por elipse em “() pode alcançar a vida civilizada”. Nessa elipse há a articulação com o segmento anterior, “despeada afinal da existência selvagem” e com “pode alcançar a vida civilizada”, o que constitui o sentido de que o sertanejo é um selvagem e que, saindo dessa condição, poderá ser civilizado, isto é, passar para uma outra cultura que é superior. Com essas análises podemos chegar ao seguinte DSD:

Figura 1: DSD da palavra Sertanejo



(Fonte: Elaboração própria)

Nesse DSD podemos observar a forma como os sentidos de sertanejo são construídos, em que ele é ao mesmo tempo um selvagem ou inferior, mas é fiel à cultura e está sendo preparado para poder evoluir, ou seja, conquistar uma nova cultura. Então podemos dizer que há uma construção para *sertanejo*, vinda do olhar de fora, do outro, em que se estabelece uma distribuição de lugares no qual há diferença de culturas, e a de fora é



superior ao sertanejo, mas que esse tem condições de evoluir e se tornar um civilizado. Salientamos que estes sentidos são circulantes nesse texto, mas que podem suscitar discussões importantes para pensar os sentidos de *sertanejo*, já que é um lugar importante para a circulação de sentidos aqui no Brasil.

Passando agora para análises de textos de autores “de dentro”, ou seja, de autores do Nordeste, recortamos, como já dissemos, três obras e, nelas, apresentamos alguns recortes. Uma coisa comum aos três livros é a pouca ocorrência dessa palavra, o que torna as análises bem menores. No primeiro livro a ser analisado, “O Quinze”, de Rachel de Queiroz, encontramos apenas uma ocorrência da palavra *sertanejo*, que é a seguinte:

R3 - Chico Bento deu-lhe a mão, com o gesto desafetuoso e mole de **sertanejo**, e lhe bateu levemente no ombro. A rapariga levantou o Duquinha. (p. 33 - grifo nosso)

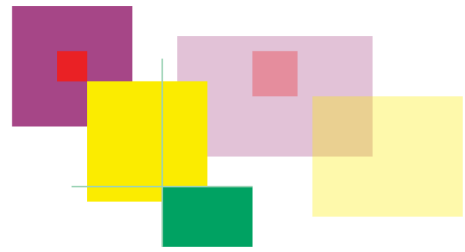
Neste recorte, temos uma articulação por dependência de “sertanejo” com “de”, o que coloca sertanejo como um adjetivo, ou seja, há o sentido de que o sertanejo faz parte de um conjunto e, nesse caso em específico, todos os sertanejos possuem algumas características em comum, o que podemos ver a partir de outras duas articulações, com “gesto desafetuoso” e com “mole”. Ao articular todo esse trecho com “deu-lhe a mão”, remontamos a um memorável de cumprimento, que no caso, é um cumprimento sem afeto e sem firmeza e, além disso, coloca que somente o sertanejo é assim e, por essas características, ele é diferente de outras pessoas.

Em outro dos livros analisados, “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, encontramos duas ocorrências da palavra *sertanejo*, que estão nos recortes R4 e R5:

R4- Pelo espírito atribulado do **sertanejo** passou a idéia de abandonar o filho naquele descampado. (p. 7 - grifo nosso)

R5- Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a catinga onde havia montes baixos, Cascalhos, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os **sertanejos** na mata. Então eles eram bois para morrer tristes por falta de espinhos? Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes. (p. 56 - grifo nosso)

Em R4 temos uma articulação por incidência de “sertanejo” com “espírito atribulado”. Esta articulação produz o sentido de que o sertanejo passa por atribulações e isso o deixa



confuso, com várias dúvidas do que pensar e de como agir. Levando em conta o recorte que apresentamos em R5, podemos dizer que essa atribuição vem de todas as dificuldades para se viver que o sertanejo enfrenta.

Em R5, temos os enunciados “Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os *sertanejos* na mata” e “Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes”. Assim, temos que “sertanejos” está articulado a “saudade que ataca” e “na mata”, sendo que “saudade” é uma reescrituração por condensação de todo o enunciado anterior. Nessas duas articulações, constrói-se o sentido de que os sertanejos sentem saudades quando estão na mata. Porém, “mata”, por conta de ser reescriturada por “Fixar-se-iam muito longe” e por “costumes diferentes”, recorta um memorável de lugar distante e de lugar diferente. E esse lugar, por conta de “saudade” ser uma reescritura de todo o enunciado anterior, não se marca por uma questão geográfica e sim econômica, na medida em que “mata” recorta o memorável de “fatura”. E aqui podemos voltar a R4, pois a atribuição do sertanejo vem desse embate de sentidos, ao mesmo tempo em que a miséria é muito grande, ficar longe dessa miséria causa uma saudade muito grande, algo que o personagem do livro quer rejeitar.

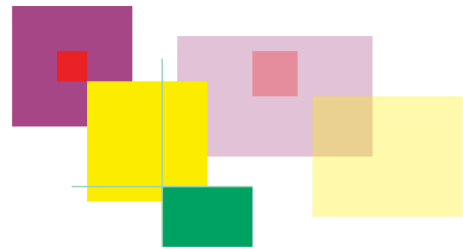
Podemos dizer, pela análise empreendida, que o sertanejo, nesse texto, está constituído de um sentido importante: uma atribuição entre sair da miséria e um apego grande a esse lugar, mesmo sendo constituído de uma miséria muito grande.

Passamos agora à obra de José Lins do Rego, “Fogo Morto”, em que encontramos quatro ocorrências da palavra *sertanejo*, mas que iremos apresentar aqui neste trabalho dois recortes, que apresentamos abaixo:

R6- Vão porque quer, capitão. Ali está aquele pé de juá. A gente só oferece o que tem. Os senhores são povo de trato. Sou um sertanejo pobre. (p. 154 - grifo nosso)

R7- É, mas sertanejo é gente séria. Desconfio que aquele cabra deve ser de fora. Aquilo tem pinta de ladrão de cavalo. (p. 154 - grifo nosso)

Em R6 temos uma articulação por dependência de “sertanejo” com “um” e “pobre” aplicando a “sertanejo” uma adjetivação de pobreza. A princípio, por conta dessa articulação com “um”, poderíamos dizer que é somente uma característica específica de quem diz o enunciado, mas não é bem esse caso. Apesar da elipse do operador argumentativo “mas” entre os enunciados, temos uma articulação desse enunciado com o anterior, “Os senhores são povo de trato”, no qual não há uma divisão entre sertanejos, mas sim um sentido de



diferença entre senhores e sertanejos. Esse sentido, por sua vez, estabelece um outro sentido, no qual o que impera não é o lugar específico em que se está, mas sim uma diferença que se dá a partir da ordem econômica.

Em R7 o que temos é uma reescrituração por definição, “é gente séria”. Considerando “Aquilo” como uma reescrituração “aquele cabra deve ser de fora” e também estando articulado a “ladrão de cavalo”, temos um sentido de oposição entre o “de dentro” e o “de fora”, já que o sertanejo possui o sentido de honesto e, então, um ladrão de cavalo só pode ser de fora. Pensando os dois recortes analisados, podemos construir a seguinte paráfrase:

O sertanejo é pobre mas é honesto.

De uma forma geral, os recortes das obras analisadas a partir do conceito de “de dentro”, apresentam sentidos que marcam o sertanejo com algumas características que o diferenciam de outros povos, tais como a falta de afeto, a pobreza, a saudade, mas, ao mesmo tempo a honestidade. Com isso podemos apresentar o seguinte DSD:

Figura 2: DSD da palavra Sertanejo

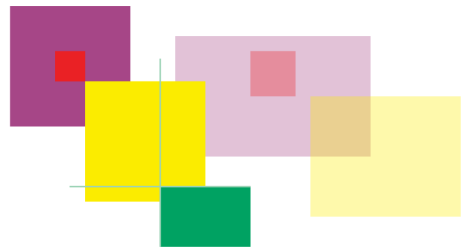
Pobreza † Sertanejo † honestidade

(Fonte: Elaboração própria)

3. Considerações finais

Para finalizar, não esqueçamos que foi no (hoje) Nordeste que o Brasil (oficialmente) começou, foi “descoberto”, e enriqueceu a Coroa Portuguesa, na sua idade de ouro. Foi no mesmo Nordeste que um dia aportou o primeiro de muitos navios negreiros. Foi nesse mesmo Nordeste que, como poeticamente registrou Gil, tivemos “o primeiro carnaval e o primeiro pelourinho também”. Assim, a pergunta insiste: o que é o Nordeste? E mais, quem é o Nordestino que é o autor/consumador de tantos eventos tão díspares quanto complementares?

“De fora”, olhado pela semântica num acontecimento enunciativo, um texto literário, os sentidos construídos apontam para um nordestino, sertanejo, marcado por uma espécie de *inferioridade atenuada*, sempre, por um “mas”: é inferior *mas* pode melhorar. “De dentro”,



como vimos, o sentido vai numa direção, não oposta, mas marcada por uma, digamos, *positividade assumida*: honesto, *ainda que* pobre; amante de sua terra, *ainda que* vivendo em outra.

Logo, se encontrarmos tais funcionamentos semânticos confirma nosso propedêutico pressuposto de que a Literatura teve – e tem – um papel privilegiado na construção de tais sentidos, por outro lado, nos alerta para a necessidade (como vimos, já patente no âmbito da sociologia e historiografia) de assumirmos que o Nordeste – e por extensão o nordestino – está por ser estudado, está por ser compreendido, tanto por ele (nós) mesmos, quanto pelo outro (que também somos nós), não como um “ser acabado”, estereotipado a partir de um ponto de vista qualquer. Mas sim como um ser construído, e em construção, pelos sentidos que, politicamente (nos vários sentidos do político, o semântico, como vimos é um deles), estão tanto nas nossas ações de linguagem, como a arte literária, quanto no dia a dia comum, em um misto chamado vida sócio-histórica-cultural.

O nordestino *sertanejo* “é antes de tudo um forte”. Mas antes **do tudo** é um Nordeste. Fica então, aberto o convite (desafio?) para descobrirmos outros.

E, se este texto que começou com uma pergunta, servir, como esperamos, para suscitar outras mais, terá ele cumprido o seu papel. Que venham respostas...

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Montecristo Editora. Disponível em: <https://lelivros.love/?x=21&y=11&s=Os+sert%C3%B5es+>. Acesso em 01 de abril de 2022.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1984.

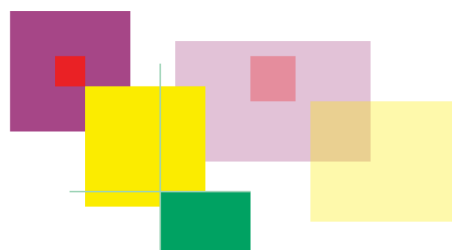
DUCROT, Oswald. Argumentação e *topoi* argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p. 13-38.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. 7.ed. São Paulo: Global. 2004.

GARCIA, Carlos. **O que é Nordeste brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GUIMARÃES, Eduardo. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, n.1, v. 51, p. 49-68, 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica: enunciação e sentido**. Campinas-SP: Pontes, 2018.



QUEIROZ, Raquel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, s.d. Disponível em: <https://lelivros.love/?x=21&y=13&s=O+quinze>. Acesso em 01 de abril de 2022.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Belo Horizonte: Mor Editora, s.d. Disponível em <https://lelivros.love/?x=31&y=21&s=Vidas+secas>. Acesso em 01 de abril de 2022.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, s.d. Disponível em: <https://lelivros.love/?x=22&y=13&s=Menino+de+engenho>. Acesso em 01 de abril de 2022.

SIGLIANI, Livia C. de; VENTURA, Adilson. O político nas relações de sentido: uma análise do termo professor na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº9.394/96. **Revista Investigações**, Recife, v. 33, n. 2, p. 1-23., jun. 2020.

SOUZA, Danilo S.; VENTURA, Adilson. Paráfrase: um mecanismo de análise da Semântica do Acontecimento. **Revista Ecos**, Cáceres, MT, v. 26, Ano 16, n. 1, p. 349-367, 2019.